



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS - INGLÊS**

**MARIA LILIANE DA SILVA**

**O PURITANISMO BORDADO NAS LINHAS E ENTRELINHAS: UM ESTUDO  
ANALÍTICO-COMPARATISTA DAS PERSONAGENS HESTER PRYNNE DE *A  
LETRA ESCARLATE* E OFFRED DE *O CONTO DA AIA***

**GUARABIRA/PB  
2021**

MARIA LILIANE DA SILVA

**O PURITANISMO BORDADO NAS LINHAS E ENTRELINHAS: UM ESTUDO ANALÍTICO-COMPARATISTA DAS PERSONAGENS HESTER PRYNNE DE A LETRA ESCARLATE E OFFRED DE O CONTO DA AIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura e Cultura.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

**GUARABIRA/PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Maria Liliâne da.

O puritanismo bordado nas linhas e entrelinhas [manuscrito] : um estudo analítico-comparatista das personagens Hester Prynne de A Letra Escarlate e Offred de O Conto da Aia / Maria Liliâne da Silva. - 2021.

46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Gênero. 3. Religião. I. Título

21. ed. CDD 028

MARIA LILIANE DA SILVA

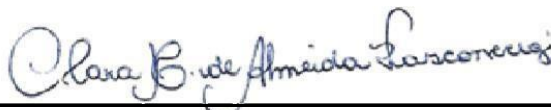
O PURITANISMO BORDADO NAS LINHAS E ENTRELINHAS: UM ESTUDO  
ANALÍTICO-COMPARATISTA DAS PERSONAGENS HESTER PRYNNE DE A  
LETRA ESCARLATE E OFFRED DE O CONTO DA AIA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento do Curso  
Letras Inglês da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de graduada em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura e Cultura.

Aprovada em: 28/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



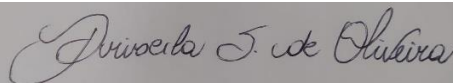
---

Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Rafael Francisco Braz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Esp<sup>a</sup>. Priscila Soares de Oliveira  
Examinadora (UEPB)

A minha mãe, pois desconheço mulher  
mais forte, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Fabricia, que mesmo de longe se fez presente em todo meu processo de graduação. Sempre me incentivou a buscar os meus objetivos e acreditou em minha capacidade de conquistá-los. À minha avó, Maria, que diante de tudo isso, me proporcionou todo o aparato necessário para que eu pudesse concluir minha graduação da melhor maneira possível, obrigada. Ao meu companheiro, Rômulo, por estar presente nesse momento, me incentivando diante das situações mais desafiadoras e desestimulantes. Por toda paciência, por todo amor, carinho e atenção, obrigada.

À minha professora e orientadora, Clara Vasconcelos, que me mostrou através de suas aulas todo comprometimento e paixão que um professor deve ter diante da carreira que escolheu para a vida. Por ter me apresentado outro mundo através das aulas de Literatura. Por ter aceitado trabalhar juntamente comigo na realização do meu trabalho de conclusão de curso, por ser tão prestativa, por toda paciência, pela atenção e pelo vínculo de amizade que se criou, obrigada. Aos professores, Willian, Auricélio, Ana Carolina, por mostrar todo compromisso e entrega que são necessários no fazer docente.

Aos amigos que a UEPB me trouxe e que pretendo levar por toda a minha vida. Selton, Azemar, Daniel e Humberto, obrigada pelas conversas, pelo incentivo, pelo amor e pela amizade que foi construída a partir da UEPB, mas que perpassa o âmbito acadêmico.

Aos meus amigos que antecederam ao meu período de graduação. Cristiana, Mariana, Melo, Rodrigues e Maria. Obrigada por sempre estarem comigo, por todo incentivo, pelo amor, carinho e atenção.

“Quero pedir desculpa a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas. Fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você, fosse seu maior orgulho, quando seu espírito já despedaçou montanhas. De agora em diante vou dizer coisas como, “você é forte” ou, “você é incrível!”, não porque eu não te ache bonita, mas porque você é muito mais do que isso.”

—Rupi Kaur em *Outros jeitos de usar a boca*

## RESUMO

Diante de uma sociedade dirigida por um regime centrado no poder falocêntrico e androcêntrico, na qual se inferioriza a capacidade do ser feminino, utilizamos como objeto de estudo os romances *A Letra Escarlata* (1850) e *O Conto da Aia* (1985) para analisar como se dá o controle dos corpos femininos e a subversão do poder patriarcal nas obras. O presente estudo tem como objetivo analisar como acontece o controle dos comportamentos e corpos das personagens Hester Prynne e Offred, levando em consideração o poder que as instituições religiosas, juntamente com o Estado, exercem sobre o sujeito marginalizado. Analisaremos a forma que elas utilizam para subverter os preceitos dessas sociedades, advindos de bases religiosas. Por fim, iremos aproximá-las diante do contexto sociocultural entre os séculos XVII e XX, focalizando nos direitos conferidos às mulheres que só foram possíveis serem alcançados através de reivindicações e dos estudos de gênero. Nesse sentido, estudos que trazem esse tipo de discussão se fazem necessários para que esses funcionamentos da inferiorização da figura feminina ao logo dos séculos possam ser compreendidos. A metodologia utilizada é de caráter documental e bibliográfico, de cunho qualitativo analítico-comparatista. Adotamos Foucault (1979, 1987 e 2014), Spivak (2010), Louro (2014) e Buendía (2015), que discutem sobre o poder patriarcal da sociedade associado à influência da religião como forma de legitimar a objetificação e outremização da figura feminina. Os resultados propostos pelo presente estudo foram alcançados, pois, a partir da perspectiva dos autores, foi possível compreender o funcionamento do processo de inferiorização e subversão dos valores patriarcais.

**Palavras-Chave:** Literatura. Gênero. Religião.



## **ABSTRACT**

In the face of a society run by a regime centered on phallogocentric and androcentric power, in which the capacity of the female being is inferior, we use the novels *The Scarlet Letter* (1850) and *The Handmaid's Tale* (1985) as an object of study to analyze how the control of female bodies and the subversion of patriarchal power in works occurs. The present study aims to analyze how the control of the behaviors and bodies of the characters Hester Prynne and Offred happens, taking into account the power that religious institutions, together with the State, exercise over the marginalized subject. We will analyze the way they use to subvert the precepts of this society that comes from religious bases. Finally, we will approach them in the face of the socio-cultural context between the 17th and 20th centuries, focusing on the rights conferred on women that were only possible to be achieved through claims and gender studies. In this sense, studies that bring this type of discussion are necessary so that these functionings of the inferiorization of the female figure over the centuries can be understood. The methodology used is of documentary and bibliographic character, of qualitative analytical-comparative nature. We adopted Foucault (1979, 1987 and 2014), Spivak (2010), Louro (2014) and Buendía (2015), who discuss the patriarchal power of society associated with the influence of religion as a way to legitimize the objectification and otherness of the female figure. The results proposed by the present study were achieved, since from the perspective of the authors, it was possible to understand the functioning of the process of inferiorization and subversion of patriarchal values.

**Keywords:** Literature. Gender. Religion.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>BREVES NOTAS SOBRE A LITERATURA DO SÉCULO XIX E XX: NATHANIEL HAWTHORNE E MARGARET ATWOOD .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>A Literatura do século XIX: Nathaniel Hawthorne e <i>A Letra Escarlata</i> ...</b>	<b>12</b>
	<i>2.1.1 A Literatura do século XX: Margaret Atwood e O Conto da Aia .....</i>	<i>14</i>
<b>3</b>	<b>A RELIGIÃO E A MULHER NA SOCIEDADE .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>A religião como forma de amarra dos corpos das personagens .....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>DO APRISIONAMENTO À SUBVERSÃO DOS PODERES PATRIARCAIS</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, a figura feminina teve que desbravar os caminhos para poder ser ouvida e tratada enquanto um sujeito social de fato, uma vez que a mulher é vista como um ser incapaz de ter opiniões próprias. A Igreja foi tida por muitos anos como uma instituição de poder máximo que, com o Estado, regia as sociedades. É válido salientar que tanto a Igreja quanto o Estado são instituições regidas por membros homens. Por meio das Escrituras Sagradas, criou-se o estereótipo de que a mulher deveria ser semelhante à Maria: pura, dócil, designada para reproduzir e dedicar-se exclusivamente às questões voltadas para o lar. Ao mesmo tempo, temos Eva e Maria Madalena que foram contra o que lhes fora imposto. A partir disso, construiu-se a premissa de que o corpo da mulher era pecaminoso e, além disso, que a figura feminina é fraca, mais suscetível a cair do que a figura masculina. Sendo assim, os corpos e comportamentos das mulheres passaram a ser marginalizados ao longo dos séculos. Diante disso, a Igreja, em consonância com o Estado, são os principais responsáveis por tais questões. De que modo essas instituições amarram/controlam os corpos e comportamentos das personagens?

Ao mesmo tempo que a figura feminina foi marginalizada e sua existência na construção da história da humanidade foi, de certa forma, negada, através da Literatura foi possível constatar essa inferiorização do ser feminino em detrimento do ser masculino. A Literatura, enquanto meio de socialização entre povos e gerações, foi utilizada por mulheres para denunciar a marginalização existente entre os gêneros. A partir do século XVII é possível constatar o início das lutas das mulheres que reivindicavam por direitos igualitários.

Posteriormente, por meio da Literatura é possível encontrar mulheres fortes, que não corroboram o que lhes é imposto e, conseqüentemente, elas passam a subverter os ditames da sociedade patriarcal na qual elas estão inseridas, a exemplo disso temos: Hester Prynne, protagonista de *A Letra Escarlata* (1850), do autor Nathaniel Hawthorne, e Offred, protagonista do romance *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood. Diante disso, o que essas personagens fizeram para conseguirem subverter esses padrões, já que são seres subalternizados?

O presente estudo tem como objetivo analisar como se dá o controle dos comportamentos e corpos das personagens Hester Prynne e Offred, tendo em vista

o poder que a Igreja e o Estado exercem sobre elas enquanto seres silenciados. Analisaremos quais subterfúgios elas utilizam para subverter os preceitos dessa sociedade centrada no discurso falocêntrico advinda de bases religiosas. Por fim, iremos aproximar as personagens diante do contexto sociocultural entre os séculos XVII e XX, focalizando nos direitos conferidos às mulheres que só foram possíveis serem alcançados através de reivindicações e dos estudos de gênero.

A sociedade é desigual no que diz respeito aos direitos igualitários para homens e mulheres. Grande parte desse problema parte das instituições religiosas através de seus discursos hegemônicos baseados em preceitos bíblicos em concordância com o Estado, ambos dirigidos por seres do sexo masculino. Nesse sentido, se faz necessários estudos que trazem esse tipo de discussão, para que assim, haja um melhor entendimento de como acontece o processo da inferiorização que a figura feminina sofre em relação à masculina ao longo dos séculos.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente estudo é de caráter documental e bibliográfico, de cunho qualitativo analítico-comparatista. Para fundamentar a nossa pesquisa, adotamos Foucault (1979, 1987 e 2014), Spivak (2010), Louro (2014) e Buendía (2015), que discutem sobre o poder patriarcal da sociedade associado à influência da religião, como forma de legitimar a objetificação e disparidade de direitos entre as figuras feminina e masculina.

A pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo, foi feita uma contextualização geral a respeito da Literatura do século XIX focalizando na ascensão da escrita feminina, Nathaniel Hawthorne e *A Letra Escarlate*, onde também tratamos de apresentar de maneira breve a Literatura do século XX, dando ênfase no que a figura feminina enfrentaria, caso escolhesse fazer literatura, posteriormente discorreremos a respeito de Margaret Atwood e *O Conto da Aia*. No segundo capítulo, abordamos a relação da religião e a mulher na sociedade, considerando o poder falocêntrico existente na sociedade e discutimos a respeito de como a religião amarra os corpos das personagens Hester Prynne e Offred, buscando sempre aproximar os símbolos que são usados pelo meio social para estigmatizá-las. No terceiro e último capítulo, abre-se uma discussão a respeito de como as personagens conseguem subverter os poderes patriarcais de ambas as sociedades onde elas vivem.

## 2 BREVES NOTAS SOBRE A LITERATURA DO SÉCULO XIX E XX: NATHANIEL HAWTHORNE E MARGARET ATWOOD

### 2.1 A Literatura do século XIX: Nathaniel Hawthorne e *A Letra Escarlate*

O século XIX trouxe consigo grandes autoras, tanto no território norte-americano quanto no britânico, tais como: Jane Austen (1775-1817), Charlotte Brontë (1816-1855), Louisa May Alcott (1832-1888), George Eliot (1819-1880), entre outras. Algumas dessas autoras passaram a trazer mulheres protagonistas para as suas narrativas; mulheres fortes, visionárias, que possuíam vozes próprias, e que buscavam por sua autonomia, algo que era totalmente ao contrário daquela época, tendo em vista todo o contexto religioso ao qual era pregado pelo puritanismo. O puritanismo foi um forte movimento religioso totalitário que teve início na Inglaterra no século XVII, no qual eram pregadas doutrinas muito rígidas com bases religiosas, para que assim fosse possível alcançar a salvação. Os atos infracionais eram penalizados com castigos severos. Eram ainda mais duros quando dizia respeito à figura feminina.

Tal rigor e austeridade pregados por esse movimento religioso e político pôde ser observado ao longo do tempo, além de reverberar na própria literatura. O século XIX também foi um período marcado pela ascensão da escrita feminina na literatura, aspecto que, até então, não era tão presente. Pois, as escritoras que se encontravam em meados do século XIX eram poucas. Algumas usavam pseudônimos masculinos, pois não tinham o mesmo direito a escrita e publicação de suas obras. Para exemplificar isso, temos Mary Ann Evans, que utilizava o pseudônimo de George Eliot, e quando não utilizavam pseudônimo, publicavam anonimamente.

Segundo Lima (2013), alguns romances escritos por mulheres daquela época, geralmente traziam narrativas aonde contavam a situação da mulher, desde a infância até a fase adulta, e por esse motivo eram considerados *Bildungsroman*, ou seja, romance de formação, no qual narra o desenvolvimento da vida de uma mulher a partir da sua infância e as mudanças ocorridas até chegar a fase adulta. Um exemplo disso é o romance *Jane Eyre* (1847), da escritora Charlotte Brontë: Jane, uma criança órfã, que anos mais tarde vai para um orfanato. Após sair daquele ambiente, consegue um emprego como preceptora. Tempos depois, casa-se com o

seu patrão, Mr. Rochester, mas não se casa de forma arranjada, e sim, por escolha própria.

Há uma aparição de escritoras na produção literária nos Estados Unidos no século XIX, que até então não havia ocorrido de tal forma, essa produção literária feminina, vem tanto em forma de denúncia, quanto em forma de elevação da escrita feminina. Denúncia, no que diz respeito a imagem da mulher que se criou ao longo dos tempos pela visão masculina. E elevação, no que diz respeito a disparidade existente entre ambos os gêneros. A exemplo de denúncia, temos como espelho, *O Despertar* (1899) de Kate Chopin, no qual a protagonista questiona os valores morais da sociedade daquela época, as imposições predestinadas ao seu sexo, e ainda mostra o dissabor com o casamento e a maternidade.

No início do século XIX, mais precisamente em 1804, numa cidade chamada Salém, nascia Nathaniel Hawthorne (1804-1864), figura bastante aclamada na literatura norte-americana, pois foi responsável por uma das obras mais conhecidas deste período: *The Scarlet Letter*, traduzida para o português como *A Letra Escarlate*. *A Letra Escarlate* foi publicada em 1850 e segundo Oliveira (2016), Hawthorne

[...] traz em sua obra registros de um moralismo decadente, de um falso moralismo norte-americano – até o período em que viveu. Tendo nascido dentro do impulso romântico do século XIX e desenvolvido os seus textos a partir da tradição gótica do modo de contar histórias, ele criou, assim, o seu próprio estilo literário (OLIVEIRA, 2016, p. 35).

Deste modo, Hawthorne foge de um padrão literário utilizado por outros autores daquela época quando traz para a narrativa de *A Letra Escarlate* um reverendo, figura que era muito respeitada pela população, porém que comete uma transgressão, o adultério, embora o marido de Hester, mulher com quem o reverendo se relacionou, tenha sido dado como morto há 2 anos. Destarte, Hawthorne não só utiliza um padrão próprio, mas também usa esse recurso para satirizar e denunciar a questão da perfeição da supremacia pregada pelo puritanismo da época. *A Letra Escarlate* foi uma obra que ganhou adaptações cinematográficas com o passar do tempo, uma delas foi no ano de 1995, por Roland Joffé.

Em uma narrativa não linear, Nathaniel Hawthorne inicia sua obra quando Hester Prynne está saindo da prisão, local em que perdurou por cometer adultério.

Hester Prynne, uma jovem casada com um médico chamado Roger Prynne, mudou-se para uma região de Boston, chamada Salém, onde o seu marido iria em seguida, mas anos se passaram e o seu marido foi dado como morto. Em meio a esse tempo, Hester Prynne surge grávida. Devido a esse motivo ela é tida como adúltera, já que era uma mulher casada. A partir disso, sua vida mudará completamente.

Ela foi condenada a mostrar a sua culpa publicamente em um cadafalso em praça pública e além disso foi sentenciada a carregar a letra “A”, na cor escarlate bordada em sua roupa na altura do seu peito para o resto da vida. Hester foi obrigada a dizer quem era o pai de sua filha, mas nunca revelou esse segredo. Enquanto a sociedade a crucificava, ela mostrou-se ser uma mulher forte, revertia as críticas em forma de força para cuidar da sua filha e de si própria. Ao ser exilada, foi morar em um local próximo a uma floresta bem distante da cidade, e para se manter, cultivava ervas e costurava para pessoas de alto padrão da cidade.

No mesmo dia em que Hester foi exposta em praça pública, com a pequena Pearl, ela nota a presença de seu marido em meio à multidão. Depois disso, eles se encontram na prisão e ele a faz prometer que não revelará sua verdadeira identidade, já que ele se identifica como Roger Chillingworth, médico da população. Roger Chillingworth torna-se médico pessoal do reverendo Arthur Dimmesdale, pois ele sofria de uma doença a qual não sabia especificamente o que era. O reverendo era o homem ao qual Hester Prynne se relacionou e dessa relação nasceu Pearl, fato este, mantido em segredo até o desfecho da obra, pois o próprio reverendo Dimmesdale não aguentava mais guardar o seu segredo e o confessa no mesmo cadafalso em que Hester passava por sua ignomínia.

### *2.1.1 A Literatura do século XX: Margaret Atwood e o Conto da Aia*

Embora o século XIX tenha sido palco para a ascensão<sup>1</sup> da escrita feminina, ainda havia um longo caminho a ser percorrido. A escrita feminina continua ganhando força e, por volta dos anos 1920, Virgínia Woolf (1882-1941) vem ganhando muito destaque com suas obras de cunho moderno. Entre a I e a II Guerra

---

<sup>1</sup> Mesmo que o século XIX tenha sido cenário de um forte aumento na escrita feminina, é válido salientar que isso sucedeu-se a partir de lutas de algumas mulheres pelo direito à educação igualitária para mulheres e homens, e conseqüentemente o direito à escrita e publicação. A exemplos dessas lutas, temos Mary Wollstonecraft que ao publicar *A Vindication of the Rights for Woman* (1792), denuncia principalmente a segregação da mulher e a falta de educação formal para tal no século XVII.

Mundial, ela escreve uma obra um tanto diferente das demais escritas por mulheres até então, pois ela usa uma técnica modernista. Virgínia traz para a narrativa de *Mrs. Dalloway* (1925) um narrador nos contando pensamentos contínuos dos personagens, gerando, assim, um pouco de conflito em quem a lê, e isso não só nos mostra como a mulher é capaz de escrever dentre as mais diversas nuances literárias, mas também como ela o faz. A técnica modernista chama-se fluxo de consciência, conceito fundado por William James, e utilizada anteriormente por James Joyce, em *Ulisses* (1914-1921).

Anos mais tarde, Virgínia Woolf, por meio do ensaio *Um Teto Todo Seu* (1929), conta a mulheres de duas universidades exclusivamente para mulheres sobre suas experiências e o que é preciso para que uma mulher possa escrever ficção: “É necessário dinheiro e um quarto todo seu” (WOOLF, 2014, p. 147). A autora ainda discute a respeito da comparação entre a liberdade que o homem sempre teve em relação à liberdade das mulheres e questiona algumas coisas, como o fato do homem poder tomar vinho e mulheres água (WOOLF, 2014, p. 41). Além disso, ela relembra a importância que tiveram as mulheres que a antecederam, pois, estas abriram espaço tanto para ela quanto para as outras escritoras que ainda estavam por vir.

Passaram-se dois anos após o ensaio citado anteriormente e Woolf conta para a Sociedade Nacional de Auxílio de Mulheres como foi iniciar na escrita e que, posteriormente, precisaria “matar fantasmas” para poder prosseguir nessa arte. A assombração à qual Woolf precisaria matar tinha um nome: “o anjo do lar” (c.f. WOOLF, 2019). Pois, possui características que impossibilitam uma mulher de escrever. Segundo Woolf, o fantasma

[...] era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente das difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar - em suma, seu feitio era nunca ter opinião própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo - nem preciso dizer - ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza - enrubescer era seu grande encanto (WOOLF, 2019, p. 11).

Com isso, Virginia Woolf quis mostrar às mulheres que elas precisavam tanto de dinheiro, espaço e de seus subterfúgios para conseguir alavancar na vastidão do mundo literário, pois, embora as mulheres tivessem disposição para tal, elas precisam dividir o seu tempo e espaço com os afazeres domésticos.



Na longa busca por visibilidade para a escrita feminina e para o lugar que a mulher deve ocupar em sociedade, mais escritoras surgem para reforçar essa batalha. Simone de Beauvoir (1908-1986) e Betty Friedan (1921-2006) trouxeram narrativas nas quais questionam a figura da mulher criada por um sistema patriarcal ao longo dos séculos: a desigualdade existente entre os gêneros e a marginalização que a mulher sofre, além disso, as autoras reivindicam que mulheres possam ter mais liberdade. Mais tardiamente, escritoras negras surgem no âmbito literário com protagonistas mulheres heroínas, cada vez mais independentes que subvertem os estereótipos impostos a elas. Alice Walker (1944) e Toni Morrison (1931-2019) ganham espaço com suas narrativas que quebram esses padrões impostos pelo poder patriarcal.

Diferentemente da Inglaterra e dos Estados Unidos, o Canadá não viveu essa ascensão da produção feminina literária do século XIX. A escrita feminina canadense ganha algumas escritoras a partir da primeira metade do século XX, a exemplo disso temos Alice Murno (1931) que, diferente de outras autoras aqui citadas, em suas obras ela não trata de assuntos voltados para a autonomia feminina. É apenas na segunda metade deste século que Margaret Atwood sobrevém com uma vasta carreira de produção literária e, nessa carreira literária, a escritora canadense busca, por vezes, denunciar a marginalização sofrida pelas mulheres ao longo do tempo.

Para culminar, na segunda metade do século XX, Margaret Atwood (1939) surge com a obra que a tornaria conhecida mundialmente: *The Handmaid's Tale*, ou, em português, *O Conto da Aia* (1985), um romance distópico, o qual trata de temas como totalitarismo, direitos e liberdade, traz uma protagonista que também subverte todo o cenário desigual imposto a ela. O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. Por exemplo, se a narrativa kafkiana, no início do século XX, seguindo a hipótese lançada, é compreendida enquanto aviso com relação à sociedade burocrática e totalitária alemã [...] em *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, as formas de controle no âmbito da gênese social do indivíduo, isto é, no que se refere aos modos de dominação que incidem diretamente sobre a subjetividade com vistas a regular pensamentos e comportamentos; em *1984*, de Orwell, a dinâmica de vigilância que forma um

diagrama amplo de controle político balizado pela organização totalitária dos laços sociais; e em *Fahrenheit 451*, de Bradbury, a emergência e consolidação de uma Zivilisation sem Kultur, isto é, de uma conjuntura na qual a cultura – os valores e o código moral, por exemplo – existem hegemonicamente na função de imperativo de manutenção da civilização, em outras palavras, a cultura reduzida à sua finalidade civilizatória. Em suma, a narrativa distópica busca chamar nossa atenção para as relações heterônomas entre subjetividade, sociedade, cultura e poder (HILÁRIO, 2013, p. 202-203).

Assim como *A Letra Escarlata*, de Hawthorne. *O Conto da Aia* também é transposto para as telas, dessa vez, em forma de seriado televisivo no ano de 2017. No caso desta última, o diretor Bruce Miller vai além da obra.

Bem como em *A Letra Escarlata*, de Hawthorne, Atwood inicia a narrativa de maneira não linear. Narrada apenas pela visão de Offred, protagonista da obra. Após sofrerem um golpe político vindo de uma casta religiosa, os Estados Unidos passa ser a República de Gilead, e com isso a sociedade divide-se em castas, sob um regime teocrático, totalitário e fundamentalista. A partir disso, as mulheres ainda férteis existentes passam a servir ao Estado em forma de Aias. As aias eram barrigas de aluguel dos Comandantes, já que a maioria das esposas se tornaram inférteis devido a problemas ambientais. A narrativa traz algumas categorias de mulheres e as subdividem através de castas, nas quais utilizam cores para classificar tais mulheres. A cor azul era utilizada pelas esposas dos Comandantes; vermelho era usado pelas aias; e verde, pelas Marthas. No caso das aias, todas elas recebiam o prefixo “Of”, que se refere a ideia de posse, assim, as aias eram propriedades de seus Comandantes.

As mulheres perderam todos os seus direitos: foram demitidas de seus empregos, suas contas foram confiscadas, dando o total direito a seus parceiros ou seus familiares. Desde que fossem homens, poderiam movimentar algum dinheiro que elas possuíam, além disso, perderam também o direito de ler. Offred ainda tenta fugir desse controle, mas ela acaba sendo capturada e posteriormente levada até um local ao qual todas as outras mulheres férteis eram levadas para passarem por uma lavagem cerebral e aprenderem todos os preceitos religiosos, esse local era chamado de Centro Vermelho. Além disso, caso tentassem fugir das regras, eram punidas com castigos severos ou até mesmo a morte.

Os preceitos dessa teocracia tinham bases no velho testamento, assim como em *A Letra Escarlata*. Tudo o que fugia das normas deveria ser punido sem direito a julgamento nenhum. No desenvolver da narrativa, Offred, assim como algumas outras aias, mesmo sendo oprimidas a todo momento, não aceitam essas regras de bom grado. Offred é persistente ao tentar de algum modo resistir aos padrões impostos a ela. Ela utiliza manobras nas quais abre os olhos de outras aias, participando de um grupo de resistência chamado *May Day* (socorro), tornando-se assim, resistência em meio aquele cenário doutrinário.

O dever de Offred, assim como das demais, era ser obediente e dar filhos aos Comandantes e, para que isso acontecesse, elas eram estupradas mensalmente por meio de uma cerimônia religiosa na qual eram utilizados três versículos bíblicos do livro de Gênesis para justificar tal atitude. A narrativa se desenvolve durante todo o período em que Offred passa na casa do Comandante Waterford, até que engravide e, assim, se cumpram os princípios exigidos a ela. Embora existissem regras, nem todas eram cumpridas e quem mais tinha poder era quem mais infringia as essas regras.

### 3 A RELIGIÃO E A MULHER NA SOCIEDADE

Ao longo dos séculos as mulheres foram mantidas dentro do espaço privado, ou seja, o espaço doméstico, o casamento e a maternidade. Sem terem acesso nem aos direitos básicos conferidos a elas enquanto cidadãs, – quando os tinham direito –, nem enquanto membros formadores de uma sociedade. A Igreja, além de surgir como meio de tirá-las do espaço privado, oprimiu e ainda oprime os corpos femininos. As instituições religiosas vêm como meio de sociabilidade, no que tange a tirar a mulher do espaço do lar, para contatar entre as demais mulheres ao frequentarem os templos. A mulher vive em uma sociedade falocêntrica e androcêntrica, em que o homem está no centro da sociedade, enquanto a mulher é relegada à margem. No que diz respeito ao androcentrismo, Josefa Buendía (2015) assegura que

[o] androcentrismo reduz a humanidade ao masculino, e a vida das mulheres é considerada um apêndice, algo secundário e periférico. O masculino é a norma e o feminino, o seu desvio; a identidade das mulheres é definida em relação à dos homens, e não em si mesmas (BUENDIA, 2015, p. 117).

Quando levamos em consideração o contexto religioso pregado pela Igreja, logo podemos perceber que as instituições religiosas aprisionam muito mais a mulher do que a liberta do espaço privado para o público, visto que tais instituições impõem que a mulher siga um arquétipo no qual exige que ela haja sempre com docilidade, benignidade e que o lar e a maternidade venham em primeiro lugar antes de mais nada. É válido lembrar que as instituições religiosas são regidas por membros homens, mostrando, assim, o poder do androcentrismo sobre a mulher. A Igreja usa discursos ideológicos no que tange a linguagem, as vestimentas e ao comportamento para controlar os comportamentos e corpos femininos. Foucault (2014, p. 9) supõe que,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Ou seja, a sociedade vai utilizar discursos para cada público com algum intuito, seja ele para dominar ou oprimir o indivíduo, tornando-o, assim, escravo dessa condição que vem se construindo ao longo dos tempos por meio da cultura e

da sociedade. Portanto, a Igreja utiliza seu poder hegemônico para amarrar o corpo da mulher, lhes garantido que, caso não haja, conforme os preceitos ali pregados, sempre haverá castigo como forma de punição ao ato cometido, mantendo-as em uma prisão simbólica.

### **3.1 A religião como forma de amarra dos corpos das personagens**

A narrativa de *A Letra Escarlata* se passa justamente em um momento em que o movimento puritano ascendia na região de Boston e inicia-se com a protagonista saindo da prisão. Ao acontecer isso, logo podemos notar que as pessoas que esperavam pela saída de Hester Prynne, principalmente as mulheres, aguardavam por uma mulher diferente da que encontraram. Para Hawthorne (2006, p. 60), Hester saiu da prisão “como se fora da sua própria vontade e caminhou para o ar livre”. As mulheres que esperavam por Hester pretendiam vê-la “empanada e esbatida numa nuvem de catástrofe” (HAWTHORNE, 2006, p. 60), mas tiveram uma surpresa ao vê-la, pois, embora Hester estivesse passando por um momento doloroso, que fazia parte da sua punição por transgredir, em momento algum via-se nela um semblante abatido, pelo contrário, ela surgiu radiante. Nesse sentido, podemos ver, a prisão simbólica que a protagonista vive, uma vez que ela precisava se mostrar triste, devido ao fato de ter quebrado um padrão imposto a ela. Assim como Offred em *O Conto da Aia*, que ao quebrar qualquer regra imposta a ela, sabia que seria punida.

Posteriormente ao que aconteceu, algumas mulheres desejavam que Hester tivesse castigos muito mais severos. A exemplo disso, uma das mulheres refuta: “Deviam pelo menos marcar-lhe a testa com ferro em brasa, assim a dona Hester espernearia, garanto eu!” (HAWTHORNE, 2006, p. 59). Ao nos depararmos com uma fala dessa, podemos perceber o quão os ensinamentos dogmáticos puritanos ensinavam as mulheres a não se compadecer pela dor das outras, negando-as, assim, o mesmo direito ao conserto que os homens já lhes negavam, a resignação do seu ato infracional já que segundo o regime teocrático puritano, ela havia cometido um crime. Consequentemente, a estigmatização que recai aos corpos femininos, muitas vezes é reproduzida pela própria mulher, pois a Igreja, com seu contexto sociocultural, aliena às mulheres ao ponto delas perpetuarem a desigualdade entre elas mesmas.

Em diversos momentos da narrativa, a figura feminina é exposta como um ser frágil e incapaz. Em um desses momentos o narrador afirma que “a infeliz criminosa, sob o peso de milhares de olhos hostis que a procuravam, todos cravados no seu seio, suportava o mais que uma mulher pode suportar” (HAWTHORNE, 2006, p. 63). Portanto, confirma-se o estereótipo da subalternidade do ser feminino em relação ao ser masculino, levando em consideração que o direito que ela possui de ser frágil diante a situação que está vivenciando é retirado. Contudo, mesmo observando que o narrador a expõe como um ser que pertence a uma espécie frágil ao dizer que ela “[...] suportava o mais que uma mulher pode suportar”, podemos perceber o quão forte a personagem é ao agir de forma diferente do que a sociedade esperava dela ao enfrentar essa situação.

Após a primeira fase de punição sofrida por Hester, ela é ressocializada. Mas essa ressocialização diz respeito a viver fora da prisão, pois, como Hawthorne (2006, p. 79-80) menciona,

daí por diante ela se tornaria o símbolo para o qual os pregadores e os moralistas apontariam, e com a qual dariam vida e corpo às representações da levandade e da paixão pecaminosa. Assim a mocidade pura seria exortada a olhar para ela como para a imagem, o corpo, a personificação do pecado, a vê-la com a letra escarlate flamejando no peito; para ela, filha de pais honrados; para ela, mãe de uma criança que depois se tornaria mulher; para ela, que já fora casta. E, sobre o seu túmulo, a ignomínia que estava condenada a carregar até lá constituiria o único mausoléu (HAWTHORNE, 2006, p. 79-80).

Tendo isso em vista, tanto a Igreja quanto o Estado passaram a tratá-la de maneira ainda mais desigual com relação às demais pessoas. Vale salientar que em momento algum a Igreja e o Estado dão direito de defesa a Hester, muito pelo contrário, ela é condenada e culpada. Não há direito de reparo para essa quebra de conduta doutrinária.

Ao sair da prisão, a personagem deveria sair do convívio social imediatamente. Embora não tenha partido para outra comunidade, precisava sair daquela colônia com a permissão do Estado. Isso daria continuidade ao castigo pelo desvio de conduta moral e religiosa de Hester. Assim sendo, essa seria uma forma de exílio, e acaba sendo mais uma afirmação para mostrar como a Igreja e o Estado controlam o corpo da personagem. Para tal, o narrador alega que,

[...] em qualquer das suas relações com a comunidade, nada havia que lhe desse a impressão de estar integrada nele. Cada gesto, cada palavra, e até o silêncio daqueles com que entrava em contato significavam, e muitas

vezes exprimiam, que ela se achava tão banida como se habitasse outro planeta ou se se comunicasse com a natureza por meio de órgãos e sentidos diferentes dos da espécie humana (HAWTHORNE, 2006, p. 83)

Destarte, os usos dos discursos machistas da sociedade só fazem com que a personagem se sinta cada vez mais reclusa e apartada do meio social, diferente das demais pessoas. Sendo assim, no desenvolver da narrativa é possível notar de forma mais intensa a reverberação do aprisionamento da personagem.

O discurso machista surge a partir do momento que o poder hegemônico tem a figura feminina como um ser desprovido de habilidades ou só possui habilidades ao que diz respeito às atividades domésticas. O machismo reverbera quando objetifica os corpos femininos subjugando-os e julgando-os incapazes de realizar algo além da maternidade, ou também quando demoniza a figura feminina ao longo da história da humanidade. Dessa forma, a sociedade androcêntrica, enquanto detentora de poder, vem proferindo discursos machistas, os quais desprivilegiam a figura feminina, visto que a figura feminina é incapacitada pelo discurso machista de ocupar os mesmos lugares com a mesma excelência que a figura masculina ocupa. Dessa forma, a mulher tende a ocupar sempre o segundo lugar, assim como é possível constatar na Bíblia, quando Eva é feita de uma parte de Adão.

Em consonância com o que Michel Foucault nos apresenta em seu livro *A ordem do discurso* (2014), compreende-se que:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e interioridade seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2014, p. 49).

Desta forma, podemos ver que os discursos podem ser colocados por todas as camadas existentes, mas há uma diferença entre os discursos discorridos a partir do sujeito que possui autonomia para tal, e aquele cujo qual é tido como sujeito subalterno e marginalizado, que através de lutas é que se faz capaz de ser ouvido. Deste modo, logo é possível notar que, quem profere os discursos machistas, detém de mais autonomia em relação a quem esses discursos são destinados. Para Spivak (2010) o subalterno é todo aquele cujo não pode falar, dado que faz parte das minorias de uma sociedade.

A Igreja enquanto instituição de apoio e de acolhimento, neste contexto, mais se volta contra a personagem do que a insere em um meio público, como foi dito

anteriormente. Hester ao tentar contato com o meio social e a procurar refugiar-se na igreja,

[s]entia sem cessar, por uma centena de outros meios, as inumeráveis manifestações da pena que a sentença sempre ativa do tribunal puritano astuciosamente arquitetara e lhe infligira por toda a vida. Os sacerdotes paravam em plena rua para lhe endereçar frases de exortação, provocando, em torno da pobre humilhada criatura, ajuntamentos em que as galhofas se misturavam às censuras. Se entrava numa igreja, confiante de que participaria do sorriso do Pai Universal, acontecia-lhe quase sempre se encontrar como assunto do sermão (HAWTHORNE, 2006 p. 84).

À vista disso, Hester vive sob opressão vinda de pessoas que pregam uma perfeição moralista que nem os próprios sacerdotes e magistrados conseguem viver. A exemplo disso, temos o próprio reverendo Sr. Arthur Dimmesdale, que na visão da sociedade, o sacerdote é tido como uma figura divina na terra, no qual buscam se espelhar e reproduzir todos os seus ensinamentos, pois se assim for, alcançarão a salvação.

Além de toda culpa que a protagonista dessa narrativa carrega, ela ainda corre o risco de ficar sem a sua filha, Pearl, pois estes, que se dizem homens de Deus, ainda duvidam de sua capacidade e merecimento de cuidar de sua filha. Podemos confirmar isso através de um magistrando quando ele afirma que

[...] ultimamente tem havido muita discussão a teu respeito. E o que debatemos seriamente é se nós, que possuímos autoridade e prestígio, faríamos bem descarregando as nossas consciências do peso de ter confiado uma alma imortal, como a desta criança, à guarda de uma pessoa que tropeçou e rolou pelos despenhadeiros deste mundo. Fala tu, que és mãe da menina! Não achas melhor que ela seja retirada da tua companhia, e vestida sobriamente, e disciplinada com rigor, e instruída nas verdades do Céu e da terra? (HAWTHORNE, 2006, p. 103).

Posto isto, a protagonista é subjugada tendo em vista a sua infração. Embora a educação que sua filha viesse a ter, não dizia respeito ao ato cometido, pois como a própria protagonista ressalta “o emblema que ela carrega tem a ensinado a todo momento” (HAWTHORNE, 2006, p. 103). Por isso, sem dúvidas, ela daria uma educação e ensinaria a filha a agir de forma diferente a qual ela agiu. Isso se deu pelo fato de que Pearl nasceu de uma relação extraconjugal, assim como em *O Conto da Aia*, pois os casamentos de antes foram todos invalidados. Sendo assim, logo, percebemos que Offred foi separada de sua filha porque o seu casamento era ilegal e não correspondia as novas regras de Gilead.

De modo conseqüente, além do peso que recai unicamente na personagem, levando-a a pura segregação humana, lhe reduzindo ao mais desprezível ser



daquela península, Hester ainda acredita que além de carregar a sua culpa, deve se culpabilizar pela parte do reverendo Dimmesdale, pelo simples fato dele ser quem ele é e se mostrar fragilizado. Assim, o autor afirma:

Decidiu, além disso, que o pastor tinha direito a sua inteira solidariedade. Pouco acostumada, por causa da longa segregação da sociedade, a bitolar por qualquer padrão exterior o conceito do certo ou do errado, Hester viu – ou supôs ver – que, no caso do Sr. Dimmesdale, cabia-lhe uma responsabilidade que ela não devia a nenhum outro ser, nem também a todo o mundo (HAWTHORNE, 2006, p 143).

Logo nota-se o poder exercido por parte do pastor em relação à Hester que, embora seja tão infratora quanto o Sr. Arthur Dimmesdale, acredita que deve carregar consigo o castigo que seria conferindo a ele, caso alguém soubesse do segredo que ambos escondem. Assim, é fácil notar o quão a sociedade – principalmente a sociedade puritana daquela época – põem os sacerdotes e magistrados em um patamar de endeusamento extremo em relação ao restante da população e, nesta questão, a população feminina, que é a quem nos referimos agora.

A partir do século XVII, momento em que se passa a obra, até nos dias que correm, presenciamos uma sociedade na qual reverberam comportamentos desiguais mediante estereótipos que se mostram muitas vezes de forma natural. Essa desigualdade se faz por meio de hierarquias, ou seja, uma classe se sobrepõe a outra através do poder de discursos e ideologias. Maria do Rosário Valencise (1995), em sua obra *A análise do discurso: conceitos e aplicações*, nos diz que:

“A ‘ideologia’ é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em *última instância* pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.” (GREGOLIN, 1995, p. 17, grifo da autora).

Com isso, o que a narrativa denunciou até o presente momento é esse poder discursivo ideológico, partindo do puritanismo e sendo exercido pelo governador, pelos magistrados, por sacerdotes, e pelos homens daquela colônia sobre Hester, que reflete como a minoria naquele contexto, e que no desenvolver da narrativa é

silenciada, sendo que tanto às mulheres da comunidade e a própria Hester, são vítimas desse modelo de dominação pautado nos preceitos patriarcais.

É válido salientar que ao longo dos séculos seguintes, até chegarmos no século XX, momento em que Margaret Atwood publica *O Conto da Aia*, a literatura, enquanto veículo de comunicação e instância de denúncia social, continua apontando tais comportamentos. No que diz respeito às conquistas, Mary Wollstonecraft, já denunciava, no século XVI, a falta de educação formal para as mulheres, direito esse que era conferido aos homens. Embora a mulher venha conquistando cada vez mais espaço na esfera pública, ainda há um longo caminho a ser percorrido seja em busca de igualdade ou de equidade entre os gêneros.

Posteriormente, temos algumas escritoras que vêm denunciando esses comportamentos de submissão em suas obras e tendo direito a publicação de seus trabalhos com seus próprios nomes. Mais adiante, por volta do final do século XIX até o início do século XX, há o movimento sufragista, conhecido como a primeira onda do feminismo propriamente dito, no qual se reivindicavam a igualdade nas jornadas de trabalho e salários igualitários para homens e mulheres, como também o direito ao voto. Reivindicação esta que, anos mais tarde, foi conquistada. Mais adiante, por volta dos últimos anos da década de 1960, acontece a segunda onda do movimento feminista, na qual reivindicavam os direitos igualitários entre gêneros. Portanto, é válido observar a importância desse movimento e os estudos advindos deles, no qual nos assegura Gaucira Lopes Louro (2014, p. 22-23),

[...] eles tiveram o mérito de transformar as até então esparsas referências às mulheres - as quais eram usualmente apresentadas como a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra masculina - em tema central. Fizeram mais, ainda: levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos (LOURO, 2014, p. 22-23).

Com isso, embora durante os séculos posteriores ao romance *A Letra Escarlata*, a mulher vem ganhando notoriedade e colocamos aqui em destaque a Literatura. Os comportamentos anteriormente citados continuam se reproduzindo tanto nas linhas, quanto nas entrelinhas da sociedade, pois a mulher ainda é separada do meio público, tida como mulher-objeto. Para culminar tal colocação, podemos observar como, séculos mais tarde, a mulher ainda é tratada sob o mesmo

viés, conforme destacamos a partir da representação da personagem Offred, de *O Conto da Aia*, mostrando quais pontos se mantêm iguais e quais mudaram ao longo desses anos.

Outro ponto que deve ser levado em consideração, tendo em vista o período e contexto, é que a protagonista de *A Letra Escarlata* é retratada pela visão de um homem. Em contrapartida, *O Conto da Aia* traz uma protagonista retratada pela visão de uma mulher. Embora a visão que o autor passa para os seus leitores seja verossímil com a realidade daquela época, esta é mais uma questão que se faz necessário lembrar. A seguir procuraremos demonstrar o desenrolar das narrativas, partindo da visão exposta acima, focalizando nos comportamentos semelhantes impostos a ambas as protagonistas.

*O Conto da Aia*, enquanto romance distópico, reverbera o passado nas entrelinhas de sua narrativa. No capítulo 2 foi relatado de maneira pouco detalhada a narrativa deste romance. Trataremos agora de esmiuçar a narrativa. Conforme foi dito no capítulo 2, A República de Gilead é o novo Estados Unidos da América, na qual possui raízes puritanas do século XVII devido ao regime teocrático, totalitário e fundamentalista de ambas as obras. Na presente obra, devido a um problema ambiental, a maioria das mulheres se tornam incapazes de procriar, e com isso, o governo de Gilead cria um regime totalitário e teocrático, baseando-se em passagens bíblicas de formas distorcidas para amarrar as mulheres ainda férteis.

Partindo do ponto de vista intelectual, tanto no romance de Hawthorne quanto no de Atwood, o direito ao pensamento e questionamento são retirados por parte das leis que regem aquele tempo e espaço, pois não se deve pensar muito, porque isso pode ser prejudicial caso você queira viver em plena harmonia (ATWOOD, 2017, p. 16). Assim como se mantém em pura preservação a forma como as mulheres devem se portar em relação às vestimentas,

[a] saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas [...] são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas.” (ATWOOD, 2017, p. 16).

As leis advindas de regimes totalitários fundamentalistas buscam sempre cobrir a mulher, pois dessa forma demonstram o poder que exercem sobre o indivíduo subalterno. Por conseguinte, em ambas as obras, não existem direitos a julgamentos, “não existem mais advogados” (ATWOOD, 2017, p. 34). Tanto na

colônia na qual Hester vive quanto em Gilead, não existe a possibilidade de conserto de má conduta já que existe um padrão de como as mulheres devem se portar. Há apenas quebra de regime e castigos/penas, castigos esses específicos para cada tipo de erro. De modo geral, as consequências desses governos, em ambos os romances, recaem com mais força sobre a figura feminina, pois são regimes criados por homens, no qual não existe nenhuma contestação contra essas leis e que só beneficiam a eles próprios.

De Offred, lhe foram retirados o direito de circular livremente, assim como de Hester, sendo que cada uma delas passa por isso de modos diferentes. Enquanto Hester é praticamente exilada do convívio social daquela comunidade, Offred não pode ir a qualquer lugar. Atwood (2017) nos relata o seguinte:

Não vou mais até o rio nem atravesso pontes. Nem ando em metrô, embora haja uma estação logo ali. Não temos permissão para usá-los, agora há Guardiões, não existe nenhum motivo oficial para que desçamos aquelas escadas, andemos nos trens subterrâneos que passam por debaixo do rio e entram no centro da cidade (ATWOOD, 2017, p. 43).

Deste modo, tanto Gilead como os puritanos do século XVII confiscam os direitos as protagonistas transitarem, realizando, dessa forma, uma separação das personagens com o meio público. É válido salientar que, embora Hester pudesse caminhar por toda a comunidade onde vivia, ela, assim como Offred, estavam sempre sendo vigiada, e isto é mais uma forma que o regime instaurado, pautado em preceitos religiosos, utilizava para amedrontá-las e oprimi-las, configurando-se assim, em uma exclusão social.

Em vista disso, Hester Prynne tem o ato de costurar como forma de sustento e também como de entretenimento, já que não possui nenhum amigo, e nem tem contato com outras pessoas além de sua filha. Já para Offred, isso é algo impossível, embora ela nos deixe claro que gostaria de poder fazer tal coisa. Em contrapartida, Offred tem uma companheira de caminhada<sup>2</sup>. Observamos que Offred não tinha nenhum meio para se entreter ou coisa do tipo, pois os atos de bordar, tecer, resolver problemas relacionados ao lar e cuidar do jardim eram responsabilidades exclusivas das esposas dos Comandantes. Embora fizessem parte de uma casta de classe mais alta do que a de uma aia, elas, assim como as

---

<sup>2</sup> É válido ressaltar que essas caminhadas eram feitas apenas em locais permitidos pelas leis de Gilead, e que embora as aias dispusessem de companheiras para tal, nenhum vínculo poderia ser criado entre elas.

mulheres das demais castas, também deveriam ser submissas ao regime teocrático vigente.

Em *A Letra Escarlata* não fica explicitado a imposição de procriar após o casamento, contudo, mesmo que isso não aconteça na narrativa, sabemos que é uma regra. Já em *O Conto da Aia*, esse é um dos pontos mais latentes da narrativa, e para tal imposição, o regime teocrático de Gilead se vale de uma passagem bíblica deturpada: Gênesis 30:1-3. Como podemos observar, no seguinte recorte:

Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela* (ATWOOD, 2017, p. 109, grifo da autora).

Destarte, cria-se nas mulheres um senso de competição, a partir da qual, conseqüentemente, gera o sentimento de incapacidade por parte delas para com as expectativas entre os Comandantes, as esposas e as próprias aias. Todo mês, Offred espera a menarquia com bastante terror, pois sabe que, caso ela venha, prova que ela fracassou enquanto mulher (ATWOOD, 2017, p. 90).

Adiante, além de Hester ter sido literalmente presa, ela vive uma morte simbólica. Pois, ao ser exilada, ela precisa partir para um lugar distante do meio social, esse distanciamento diz respeito a ela passar a ser um ser desprezado da sociedade fazendo com que as pessoas daquele lugar a tenham como uma pessoa morta, já que não dispõe do convívio com as demais pessoas, exceto sua filha Pearl. Offred vive deste mesmo dilema, pois ao ter sua conta confiscada, ser demitida do trabalho e capturada da sua antiga vida para servir ao Estado, sem direito a retornar ao passado, ela vive a dita morte simbólica, já que não está sobre seu poder voltar para sua vida de antes, e ao ser destinada a servir a um Comandante em específico, no qual a mantém em um quarto. Offred vive uma prisão, ela própria assegura estar aprisionada quando coloca:

A cortina está aberta até onde vai, há uma brisa quente à luz do sol, e o tecido branco esvoaça enfunado contra o meu rosto. Vista de fora devo parecer um casulo, uma assombração, com o rosto encoberto assim, apenas os contornos visíveis, de nariz, boca enfaixada, olhos cegos (ATWOOD, 2017, p. 205).

Ambas as personagens vivem esses dois modos de prisões e ainda vivem um dos procedimentos de exclusão por mecanismos de interdição que, segundo

Foucault (2014, p. 9), “seria não poder falar sobre todas as coisas em qualquer lugar, com qualquer pessoa”. Ou seja, quando a vida das protagonistas mudou para esse novo estado, ambas passaram a ser prisioneiras dos discursos sociais, aos quais elas nem poderiam questioná-los, já que ambas são sujeitos subalternizados. Além disso, é possível encontrar excertos na obra que nos mostram esse poder sobre as aias muito bem explicitado pelo Comandante. Primeiro, ele possui revistas, objetos os quais não existem mais, pois foram todas destruídas e, por conseguinte, frequenta e mantém um clube ativo chamado Casa de Jezebel<sup>3</sup>, na qual possuía as chamadas “Não mulheres”, mulheres que não servem como Marthas e nem foram para as Colônias, local com alto nível de radiação. Deste modo, o Comandante não só tem o poder sobre o dominado, mas também faz questão de mostrar, de maneira bem clara, quem é detém o poder.

Podemos estabelecer uma referência entre a Casa de Jezebel, em *O Conto da Aia*, com a passagem bíblica na qual retrata a história de Jezabel, encontrada no livro de 1.º e 2.º Reis, no velho testamento. Segundo Joan Comay, em seu livro *Who's Who in the Old Testament* (2005), Jezabel era casada com o rei Acabe e era conhecida como uma mulher que tinha o forte poder de coerção, por ser violenta e querer igualdade entre os deuses daquele tempo. Além disso, ela fazia com que seu marido fugisse das leis das escrituras sagradas daquela época ao adorar um deus pagão, que não era o Deus universal adorado por todos os outros povos. Nesse sentido, Jezabel agia de forma contrária aos preceitos bíblicos, passando por cima até do poder do seu marido e assim era tida como uma mulher subversiva. Diante disso, podemos perceber que era justamente o que acontecia com as mulheres que viviam na casa de Jezebel, mulheres que foram contra alguma lei e que não correspondiam ao modelo que era exigido.

Do início da história de Offred até o dado momento, é possível encontrar, cada vez mais, marcas da objetificação dos corpos das mulheres por meio da religião. Essa objetificação ainda recai mais fortemente nos corpos das aias, as quais são ensinadas a viverem e orarem para que os seus úteros sejam preenchidos. É possível confirmar tal colocação com seguinte trecho: “Ó Deus, Rei do universo, obrigada por não me ter criado homem. Ó Deus, oblitera-me. Torna-me

---

<sup>3</sup> A Casa de Jezebel era um local comandado pelos Comandantes de alto escalão no qual funcionava como um prostíbulo, igualmente aos dos tempos anteriores a Gilead. Esse local dispunha de mulheres que não podiam ter filhos: as não mulheres; as traidoras de gênero: as lésbicas, feministas e pelas Marthas, que “puderam escolher” entre trabalharem neste local ou trabalharem nas Colônias.

fecunda. Mortifica a minha carne; para que eu possa ser multiplicada. Permite-me ser preenchida (ATWOOD, 2017, p. 232).

Os corpos das aias eram tidos como templo sagrado destinado apenas para o ato de procriação. E se formos seguir o modelo de hierarquia contida na narrativa, podemos perceber que não só os corpos das aias eram objetificados, mas também os das Marthas, as quais não tinham serventia nenhuma além de cuidarem das questões domésticas das casas dos Comandantes. É válido lembrar como as mulheres mais adultas são ainda mais secundarizadas, pois já não se encontravam em seu período reprodutivo. Para estas, a única coisa que restava era o trabalho “eterno” nas Colônias.

A respeito dos direitos ao questionamento e até sobre o funcionamento do corpo masculino, para elas eram tidos como algo errado e pecaminoso. A própria narradora, em conversa com a esposa do Comandante, coloca:

– Talvez ele não possa – diz ela. Não sei a quem está se referindo. Quer dizer o Comandante ou Deus? Se for Deus, deveria dizer queira. De todo modo é heresia. São só as mulheres quem não podem, que permanecem teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas (ATWOOD, 2017, p. 243).

Com isso, fica ainda mais nítida a forma como os discursos ideológicos denunciados na obra são poderosos e se solidificam, de modo que, mesmo que Offred venha a acreditar que tal colocação é verdadeira, ela não pode fazer nada contra isso, nem mesmo questionar, porque lhes foi ensinado que isso não existe. Qualquer problema relacionado à procriação é culpa dos corpos femininos.

Mais adiante, em ambas as obras, podemos notar a questão da designação que as adolescentes têm para se casar. No romance de Hawthorne, Hester se casa com um senhor bem mais velho do que ela, coisa bastante comum naquela época, uma vez que a Igreja impõe essa conduta, além da segurança econômica que isso trazia as mulheres, pois não havia amor por ambas as partes. Já no romance de Atwood, jovens moças com até menos de catorze anos são designadas para casar com Anjos<sup>4</sup> (ATWOOD, 2017, p. 260) e recusar não era uma opção. Isso nos mostra que os reflexos da dominação religiosa sobre os corpos femininos os acompanham desde sua idade gestacional até ao final de suas vidas, pois a figura feminina é considerada objeto a todo momento. Para tal, existe uma cerimônia específica, na

---

<sup>4</sup> Anjos são homens que servem aos Comandantes, cujo qual os Comandantes possuem alto grau de confiabilidade.

qual lança-se um discurso desfavorável à figura feminina, assim como a tudo que foi colocado até o momento. Em tal discurso, o Comandante coloca:

– [o]rdeno que estas mulheres se adornem com vestes modestas – diz ele – , e com pudor e sobriedade; sem cabelos trançados ou ouro, ou pérolas ou vestimentas caras. “Mas (conforme são apropriadas às mulheres que professam a meiguice) com boas obras. “Que a mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição.” Aqui ele lança um olhar para nós. – Toda – repete ele. – Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio. “Pois primeiro Deus criou Adão, depois Eva. “E Adão não foi enganado, mas a mulher ao ser enganada cometeu a transgressão. “Não obstante isso ela será salva pela concepção se continuar na fé e caridade e santidade com sobriedade.” (ATWOOD, 2017, p. 262).

A vista disso, se torna notório o quão forte é o poder patriarcal pregado em Gilead, pois, ao impor tais regras, faz da mulher um verdadeiro objeto de uso exclusivo dos homens.

Outro ponto que deve ser considerado, em ambas as obras, é a forte presença da cor vermelha. Nos romances, a cor é lida como um estigma para as protagonistas. Tanto Hester Prynne quanto Offred, usam a cor escarlata como forma de separação, diferenciação das demais pessoas da sociedade da qual fazem parte. Para Chevalier e Gheerbrant (2014), o vermelho é “universalmente considerado como um símbolo fundamental do princípio de vida” (p. 944). Nesse sentido, logo podemos ver o porquê de Offred utilizar o vermelho, já que a cor, nesse contexto, remete à vida e a reprodução, ponto central na vida das aias. Offred não só usa pelo motivo exposto acima, mas também pelo mesmo motivo que Hester, já que se envolve afetivamente com Nick, o motorista do Comandante ao qual ela serve, motivo este que “diz respeito a transgressão da mais profunda proibição da época em questão, a proibição lançada sobre as pulsões sexuais, a libido os instintos passionais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2014, p. 944).

Podemos perceber que, no desenrolar de ambas as obras, é possível encontrar, tanto nas linhas como nas entrelinhas das narrativas, o forte poder do conservadorismo. A começar pela *A Letra Escarlata*, com os puritanos propriamente ditos, os quais pregavam o poder patriarcal no que diz respeito ao poder que o pai tem enquanto provedor do lar. Poder este que perpassa sobre a esposa e às filhas. Esse regime era seguido através de grande obediência à bíblia, já que o puritanismo tinha como base as escrituras sagradas para fortalecer esse regime teocrático e totalitário. Essa forma de regime, além de servir de amarras para os



comportamentos e corpos das personagens, é utilizado pelo poder hegemônico para a exclusão, diferenciação social, cultural e econômica, tirando as mulheres do meio social em detrimento do seu gênero; gênero esse que é menosprezado, subjugado e inferiorizado ao longo da história.

Assim como no romance de Nathaniel Hawthorne, encontramos traços do puritanismo de forma implícita em *O Conto da Aia*, já que Gilead é comandada por homens, sob um regime teocrático também conservador baseado no velho testamento, com passagens bíblicas degeneradas, as quais sempre desfavorecem a figura feminina em razão da masculina. Podemos ver também uma divisão de mulheres por vieses hierárquicos e como essa separação exclui a protagonista das demais mulheres, “esta corda nos segrega, nos marca como excluídas, impede as outras de serem contaminadas por nós, faz para nós um curral ou um chiqueiro” (ATWOOD, 2017, p. 254).

Mais um ponto importante que podemos notar, são traços da biopolítica, muito presente em ambas as obras. Bruna Leite (2019, p. 4) afirma que o

[o]bjetivo é controlar, estimular e reduzir a vida humana, que passa a ser um recurso dos governos. Desse modo, os dispositivos biopolíticos são exercidos coletivamente sobre as populações, no qual a vida (biológica e social) se constitui enquanto espaço de intervenção pública. Aspectos da vida privada como nascimentos, morte, saúde, natalidade, juventude, velhice, sexo, etc., se tornam preocupações do Estado e das instituições de poder, mostrando-se como elementos importantes para a gestão das sociedades (LEITE, 2019, p. 4).

Dessa forma, é possível verificar que em ambas as sociedades, os regimes teocráticos, liderado por homens. Em uma obra, o regime é composto por clérigos, magistrados e pastores; e, na outra, por Comandantes de alto escalão. São eles quem decidem, são eles quem fazem a gerenciamento da vida. Eles decidem a respeito dos rumos que as vidas das personagens e demais pessoas devem tomar, no que diz respeito a procriação, ao sexo e as punições, caso se desviem do que lhes são impostos pelo regime que os mesmos criaram.

De acordo com o exposto, são notórias as diversas semelhanças entre as obras, no que diz respeito ao modo como a religião vem amarrando e controlando os corpos femininos ao longo dos séculos. Pois, como bem sabemos, uma das narrativas retrata o século XVII e a outra o XX. Embora, nesse meio tempo de trezentos anos entre uma obra e outra, houveram tantas mudanças, esse poder conversador ainda reverbera por meio de discursos até os dias atuais e, em alguns

aspectos, ainda com mais força do que reverberou há séculos, mas é preciso levar em consideração que essas mudanças e conquistas tiveram/tem grande valia para o que há de vir. No próximo capítulo trataremos de mostrar como essas personagens subverteram o poder conservador do patriarcalismo naquele determinado tempo e espaço.

#### 4 DO APRISIONAMENTO À SUBVERSÃO DOS PODERES PATRIARCAIS

Neste capítulo continuaremos a análise entre as personagens Hester Prynne e Offred, porém, por uma perspectiva diferente. Discorreremos sobre como as personagens fazem para subverter os poderes patriarcais daquele determinado tempo e espaço. Assim como no capítulo anterior, iremos primar sempre por mostrar quais são as semelhanças e divergências entre elas de forma que dialoguem entre si. Embora fora apresentada a luta das mulheres ao longo de trezentos anos entre uma obra e outra, ainda é possível observar que nem tantos aspectos estão diferentes no que diz respeito à opressão que a figura feminina sofre.

As leis pregadas pelos puritanos sempre foram muito claras e, sabendo disso, Hester tinha certeza do que estava por vir, já que ela quebrara uma regra. Como foi mostrado no capítulo anterior, a protagonista de *A Letra Escarlata* devia passar por algumas punições, tanto de forma literal, quanto de forma simbólica. A primeira era a exclusão do convívio social. Embora isso tenha um peso, Hester não se deteve, muito pelo contrário; ao cumprir sua primeira pena e sair da prisão, uma multidão a esperavam e nessa multidão havia muitas mulheres que caracterizaram Hester como sendo uma prostituta, atrevida e, além disso, ainda ditaram uma pena maior para ela: “essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós, e deve morrer” (HAWTHORNE, 2006, p. 59).

Diante do que foi exposto, Hester não hesitou em sair da prisão de forma espontânea (cf. HAWTHORNE, 2006) e, ao fazer isso, apenas “embalou a filha, e com um rubor escaldante, mas com um sorriso ainda altaneiro e um olhar que ninguém poderia abater, encarou conterrâneas e cidadãos” (HAWTHORNE, 2006, p. 61). Ao tomar tal atitude, a protagonista nos mostra o seu primeiro ato de resistência na obra, porque ao invés de temer o que a esperava, ela decidiu ir em frente sem hesitar, tampouco baixar a cabeça. Mesmo com todos os olhares direcionados a ela, rompeu com as expectativas dos espectadores que ali estavam para julgá-la.

Posteriormente, ao verem o símbolo da vergonha, um “A” bordado em sua roupa na altura do peito, bordado com fios de ouro, ficam surpresos como Hester tem coragem de exibir aquele símbolo de tal maneira; uma vez que desejam que ela estivesse devastada com tudo o que está acontecendo. Uma das mulheres que ali observava a saída de Hester, indaga:

Mas como é que uma mulher, antes de passar por essa vergonhosa provocação, arranja meios de se pôr assim em evidência? Comadres, que é isso senão rir na cara dos nossos virtuosos juizes e ufanar daquilo que eles, homens dignos, consideram um castigo? (HAWTHORNE, 2006, p. 60).

Desta forma podemos notar mais um ato de resistência praticado pela protagonista do romance de Hawthorne. Essas atitudes que Hester tomou até então ficam tão claras que são questionadas duramente por seus espectadores.

O incômodo causado pela resistência e subversão que a protagonista promove é reforçado na fala das outras mulheres quando estas questionam como Hester tem coragem de “rir” e “ufanar” dos juizes que, nas palavras delas, são “homens dignos”. Isso nos faz refletir sobre o duplo impacto que tais atitudes de Hester Prynne causam, além do alto valor que os homens ocupam em sociedade; pois nos permite compreender que ela poderia zombar de todos, exceto desses homens de tão elevada estima. Desse modo, Hawthorne critica não só a sociedade na totalidade, mas como o preconceito e o machismo estão tão enraizados que leva mulheres a julgarem outras mulheres em vez de lhes prestar solidariedade, além de elevar a figura masculina.

Depois de sua saída da prisão, Hester precisava caminhar pela rua até chegar a um cadafalso<sup>5</sup>, local onde pagaria mais uma de suas penas, ficando exposta durante algumas horas para que, assim, todos que ali estavam, pudessem ver a sua ignomínia. Diante disso, fica claro que, o que o regime puritano propunha era a humilhação, pois para eles a protagonista cometeu um crime ao passar por cima do regime imposto. Para tal, Foucault (1987, p. 73) assegura:

na medida em que a punição põe em cena, aos olhos de todos, o crime em toda a sua severidade, deve assumir essa atrocidade: deve trazê-la à luz por meio de confissões, discursos, inscrições que a tornem pública; deve reproduzi-la em cerimônias que a apliquem ao corpo do culpado sob forma de humilhação e de sofrimento. A atrocidade é essa parte do crime que o castigo torna em suplício para fazer brilhar em plena luz: figura inerente ao mecanismo que produz, no próprio coração da punição, a verdade visível do crime. O suplício faz parte do procedimento que estabelece a realidade do que é punido. Mas não é só: a atrocidade de um crime é também a violência do desafio lançado ao soberano: é o que vai provocar da parte dele uma réplica que tem por função ir mais longe que essa atrocidade, dominá-la, vencê-la por um excesso que a anula (FOUCAULT, 1987, p. 73).

Diante do exposto na citação acima, é possível observar que, com a quebra de conduta, Hester fere diretamente o poder soberano. Neste caso, ela é posta na

---

<sup>5</sup> Cadafalso era um local que ficava em praça pública, e era utilizado para expor pessoas cuja cometeram infrações.

posição de dominada e silenciada, sendo o lugar da mulher enquanto ser subalterno.

Ao passo que se toma, Hester é questionada a respeito da origem do pai de sua filha e, para tal, vai mais uma vez contra o que se exige dela, quando refuta: “Nunca. Não falarei. E minha filha terá que procurar um Pai no Céu. Jamais conhecerá na Terra” (HAWTHORNE, 2006, p. 71). Perante toda opressão a que foi exposta, ela decide seguir subvertendo os preceitos ideológicos, mesmo sabendo que isso implicaria cada vez mais em sua conduta moral e religiosa diante daquele povo que, por vezes, a classificou como um ser demonizado.

Por conseguinte, Hester possuía uma habilidade que não lhes era negada diante da sociedade. A protagonista desta narrativa:

Possuía uma arte que, mesmo numa terra que lhe proporcionava relativamente poucas oportunidades, bastava-lhe para assegurar o próprio sustento e o da menina que se ia desenvolvendo. Era — dantes como agora, a única de que a mulher tem quase exclusividade — a arte da costura (HAWTHORNE, 2006, p. 81).

Sendo assim, Hester subverteu um dilema daquela época, que era a mulher ser provedora do lar, visto que essa tarefa era destinada unicamente como dever do homem. É válido salientar que as mulheres daquela época podiam costurar, mas apenas ao que dizia respeito às peças referente ao seu lar, e não fazendo disso um trabalho e saindo do espaço privado. A protagonista ainda se torna uma referência naquela sociedade, costurando até para o Governador da colônia.

No desenrolar da narrativa é possível notar a constante subversão das ideologias impostas pelos regimes puritanos por parte da protagonista. Foucault (1979, p. 10) afirma que “a noção de ideologia [...] queira-se ou não ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”. Nesse sentido, Hester segue desconstruindo o que os puritanos colocam como ideal a ser seguido. Ela ainda desmistifica a única verdade que se tem naquele tempo e espaço ao se impor, visto que no século XVII pouco se via a respeito dos direitos das mulheres.

Embora naquela época as pessoas da classe dominante, como clérigos e magistrados, dispusessem de vestimentas que possuíam cores mais vivas e mais adereços, para as classes dominadas eram destinadas vestimentas neutras. Hester foge dessas regras, no que dizia respeito ao modo de vestir sua filha, Pearl. Para tal, o narrador afirma que “as roupas da criança, entretanto, distinguiam-se por uma fantasiosa, ou melhor, por uma fantástica concepção que, embora servindo para lhe

realçar o esbelto encanto, desde cedo desenvolvido, parecia ter um significado mais profundo” (HAWTHORNE, 2006, p. 83). Para culminar com tal colocação, o pastor John Wilson refuta:

Querida e jovem senhorita, quem és tu, e que moléstia deu na tua mãe de para que ela te vestisse desta esquisita maneira? És cristã, hein? Conheces o catecismo? Ou és um daqueles gênios ou fadas que julgamos ter deixado para trás com outras relíquias do papismo, na velha e jovial Inglaterra? (HAWTHORNE, 2006, p. 102).

A protagonista segue quebrando o regime que lhe foi imposto, tanto pelo fato de ser mulher, quanto pelo motivo da sua má conduta moral e religiosa, e conseqüentemente se mostrando ser uma mulher visionária. Os modos como a protagonista vestia a filha foram questionados, mas, além disso também foi questionada a sua capacidade de cuidar da filha. Visto que Hester transgrediu sobre os preceitos puritanos, ela fora julgada pelos magistrados como sendo incapaz de educar Pearl. Para tanto, o narrador coloca que “cheia de aflição - mas convicta de seu direito que quase não lhe parecia desigual a luta entre o público e uma mulher [...]” (HAWTHORNE, 2006, p. 96).

Acerca disso, Hester é questionada pelo magistrado, o mesmo indaga: “Fala tu, que és mãe da menina! Não achas melhor que ela seja retirada da tua companhia, e vestida sobriamente, e disciplinada com rigor, e instruída nas verdades do Céu e da terra?” (HAWTHORNE, 2006, p.102). Logo em seguida Hester surpreende o magistrado ao se dizer apta para tal e que não dará a filha para ser cuidada por outras pessoas. Após isso, a protagonista, mesmo sendo um ser socialmente desvozeado, mais uma vez resistiu aos discursos homogêneos puritanos.

Mais um ponto a ser levado em consideração é o caminhar de Hester pela comunidade puritana. A protagonista, enquanto retrato de pura segregação humana e enclausurada em uma cabana nas margens daquela comunidade, ao frequentar a cidade caminhava pelas ruas carregando o estigma de sua vergonha, todavia não ousava baixar a cabeça para sociedade. Hester segue, de cabeça erguida. Para tal, o narrador afirma que

[a] inteligência e o coração de Hester tinha por lar os lugares ermos, por onde ela errava tão livre quanto um índio nos bosques nativos. Durante anos encarava deste estranho ponto de vista as instituições humanas e o que os padres e os legisladores haviam estabelecido, criticando tudo com uma reverência pouco maior do que a um selvagem sentiria pelas vestes

clericalis, pela toga dos juizes, pelo pelourinho, pelos tormentos, pela lareira e pela igreja. A sina e os acontecimentos deixaram-na liberta. A letra escarlata era o seu passaporte, para regiões que outras mulheres não ousavam palmilhar. Vergonha, desespero, solidão! Esses os mestres - rudes mestres - que havia tornado forte, ensinando-lhe, entretanto, muita rebeldia (HAWTHORNE, 2006, p. 176).

Desta forma, a protagonista segue dando continuidade no que concerne à subversão dos poderes patriarcais. Mesmo de modo leve, consegue mostrar sua voz de alguma forma e, diante do que foi exposto, percebe-se que pouco a pouco vai ganhando visibilidade enquanto ser marginalizado.

A protagonista, enquanto exilada, passa a viver à margem do limite da comunidade. Procura uma forma de se encontrar com o pastor, homem que carrega o mesmo peso que Hester tem carregado durante anos. Ao conseguir esse feito, o encontro se dá em uma floresta. Nesse sentido, a floresta surge como símbolo de libertação, pois foi a partir dela que Hester tomou a decisão de fugir de navio com Arthur Dimmesdale para além daquela cidade. A própria protagonista se pergunta:

Será que o universo está enquadrado nos limites dessa cidadezinha que ainda há pouco tempo não passava de uma solidão junca de folhas, um deserto como este que nos rodeia? Para onde vai o caminho da floresta? Para a cidade, dissestes! Sim, mas também para mais longe! Quanto mais se aprofunda, quanto mais mergulha na selva, mais se acidenta. Até que, poucas milhas adiante as folhas amarelas já não mostram vestígios dos passos dos homens brancos. E serás livre! Uma curta jornada te transferirá de um mundo onde tens sido tão flagelado para outro em que ainda poderás ser feliz! (HAWTHORNE, 2006, p. 174).

A protagonista se coloca aqui em um patamar ainda mais elevado, uma vez que, no contexto em que ela está inserida, fugir torna-se uma atitude contrária à conduta moral e religiosa daquela colônia e, ainda mais, quando ela cogita fugir com o pastor Arthur Dimmesdale.

Ainda nesse contexto da floresta, enquanto sinônimo de libertação da protagonista, o narrador afirma que ela “desatou o laço que sustinha a letra escarlata e, arrancando-a do peito, atirou-a para longe. O emblema rutilou até a margem do regato” (HAWTHORNE, 2006, p. 178). Com isso, o peso que ela carrega é retirado, conforme o narrador afirma:

Livre de estigma, Hester suspirou longa e profundamente. E no suspiro expulsou do espírito a dor da vergonha e da angústia. Oh, admirável alívio! Só avaliou quanto era pesado o fardo quando se libertou dele! Noutro impulso, arrancou o chapéu que lhe escondia os cabelos — e, em ondas pelos seus ombros, eles rolaram negros e abundantes, massa ao mesmo tempo sombria e luminosa que lhe emprestava à fisionomia um encanto meigo, Brincava-lhe nos lábios e fulgia-lhe nos olhos um sorriso radiante e

terno, que parecia jorrar do próprio seio... (HAWTHORNE, 2006, p. 178-179).

É possível notar que Hester se volta contra os preceitos puritanos de duas maneiras: a primeira diz respeito à protagonista arrancar a letra escarlate do seu peito, a qual foi designada a não retirar o símbolo da vergonha em hipótese alguma; segunda, soltar os cabelos, uma vez que, ao tomar tal atitude, ela se opõe aos modos referentes às outras mulheres, pelo fato de que lhe foi imposto que se portasse de maneira neutra.

Diante do que foi exposto, é possível notar que a protagonista de *A Letra Escarlate* subverte os valores morais e religiosos puritanos daquela época e, mesmo que isso lhe custe a exclusão do meio social, de alguma forma ela tenta se opor a essas ordens. Ao longo de sete anos ela é tida como o retrato de vergonha humana para o povo daquela comunidade e, ao mesmo tempo é símbolo de resistência dado que resiste a tudo que lhe é imposto. Ao longo do tempo passa a ser notada, pois, como afirma o narrador:

[o]s indivíduos da vida burguesa tinham perdoado inteiramente a leviandade de Hester Prynne. Mais do que isto. Começaram a olhar a letra escarlate não como um símbolo de pecado pelo qual ela suportara uma penitência tão longa e lacerante, porém como símbolo dos muitos benefícios que ela praticara desde então. (HAWTHORNE, 2006, p. 146)

Hester Prynne, a partir de pequenos discursos, mostra que é possível se fazer visível em uma sociedade baseada em preceitos falocêntricos.

Em *O Conto da Aia*, a personagem Offred, sob o mesmo viés que analisamos Hester Prynne como foi exposto, diante do poder androcêntrico pôde subverter as imposições da época e espaço em que vivia. Procuraremos sempre aproximar a forma que as protagonistas usam, mostrando as suas semelhanças e divergências, para que assim possamos notar o que vem mudando em relação ao tempo e aos acontecimentos no que diz respeito às lutas por reivindicação da igualdade entre os gêneros.

*O Conto da Aia* possui no seio de sua narrativa, um sistema ainda mais rigoroso comparado ao romance de Nathaniel Hawthorne. É possível notar que as formas que Offred usa para subverter as regras impostas a ela são mais sutis do que as de Hester Prynne. Todavia, a protagonista atwoodiana ainda usa de artimanhas pelas quais consegue quebrar regras e ser vista como símbolo de resistência ao longo da narrativa.



Ao ser capturada e passar a servir ao novo regime de Gilead, Offred e também as demais mulheres passam por um Centro de treinamento conhecido como Centro Vermelho, cujo intuito é disciplinar as aias, fazendo com que elas abandonem os velhos costumes e aprendam basicamente como se portar e a darem filhos aos Comandantes, conseqüentemente repovoando Gilead. Nesse sentido, Foucault (1987, p. 168) assegura que “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço”. Neste local as aias eram vigiadas e proibidas de conversarem entre si, mas, como forma de oposição, Offred assegura que no Centro Vermelho:

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído [...] Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama (ATWOOD, 2017, p. 12).

Com isso, é possível notar que desde que foi presa, Offred se mostra inconformada com as novas leis e tenta de alguma forma ser resistente ao que lhes é imposto. Essa, portanto, se torna a primeira forma que a protagonista usa para quebrar o regime teocrático da República de Gilead.

Além disso, ao que diz respeito à comunicação com as demais aias, Offred utiliza as caminhadas que faz com a sua companheira de compras para poderem conversar ao encontrar grande multidões, como também ao participar de Cerimônias, por exemplo, a do Salvamento e até mesmo o banheiro do Centro Vermelho. No caso deste último,

[n]a madeira há um pequeno buraco, no fundo, junto da parede, mais ou menos da altura da cintura [...] Todo mundo no Centro sabe da existência desse buraco na madeira; todo mundo menos as Tias<sup>6</sup> (ATWOOD, 2017, p. 90).

Para ambos os atos, Offred sempre calcula o momento certo e usa essas oportunidades em seu favor. Desta forma, ela subverte mais regras do regime de Gilead, posto que não é permitido conversar com ninguém em nenhum lugar. Nesse sentido, há uma divergência entre a protagonista de Hawthorne e a de Atwood, pois o regime teocrático da comunidade em que Hester Prynne vive ainda permite que ela converse com as demais pessoas daquela sociedade.

---

<sup>6</sup> As Tias eram mulheres designadas para “reeducar” as aias a partir do momento em que elas chegavam ao Centro Vermelho. Em uma classe hierárquica, as tias estavam abaixo das esposas.

Durante as caminhadas, podemos notar que a subversão por parte da protagonista se torna ainda mais visível, pois além de conversar com suas companheiras à procura de notícias, ela ainda facilita com que seja vista. Para isso, Offred afirma que “[...] o Guardião do bigode cor de pêssego inclina a cabeça para tentar dar uma olhadela no meu rosto. Levanto um pouco a cabeça, para ajudá-lo, e ele vê meus olhos e vejo os dele” (ATWOOD, 2017, p. 32). A vista disso, embora tendo a consciência dos ricos e reconhecendo posteriormente a gravidade dessa atitude, a protagonista assegura que “[...]momentos como esse são as recompensas que guardo para mim mesma[...]” (ATWOOD, 2017, p. 32). Neste caso, Offred perpassa todos os preceitos religiosos e morais, de forma consciente, sendo este, mais um aspecto divergente entre os atos subversivos entre as protagonistas.

Como já foi dito anteriormente, no desenrolar da narrativa, Hester Prynne toma inúmeras atitudes que subverte tudo o que o regime teocrático de Boston a impõe. Segundo Rodrigues da Cruz (2016),

podemos notar uma consciência feminista sendo manifestada na personagem Hester Prynne através de suas ações, pensamentos e comportamentos. A mulher mostra uma resistência, ainda que não explicitamente mostrada, ao que a sociedade em que vivia pregava, sendo por muitas pessoas criticada e vista de maneira equivocada e até mesmo pouco agradável, embora em nenhum momento da obra seja mencionado que ela se importava com isso (CRUZ, 2016, p. 29).

Em contrapartida, Offred demonstra saber que está se arriscando ao tomar tais atitudes. Neste sentido, é válido ressaltar que a mãe da protagonista de *O Conto da Aia* era uma ativista e que Offred, desde pequena, a acompanhava nas caminhadas em que se reivindicava por direitos igualitários para ambos os gêneros. Logo podemos perceber que Hester age de forma diferente das mulheres de seu tempo diante do que ela vive, mas ela não tem a mesma noção que Offred tem com relação à subversão do sistema patriarcal.

Offred, em diversos trechos da narrativa, deixa explícito qual é o lugar que ela está ocupando naquela sociedade enquanto um ser subalterno. Segundo ela, “tudo o que é silenciado clamará para ser ouvido ainda que silenciosamente” (ATWOOD, 2017, p. 183). Diante disso podemos comprovar a consciência da protagonista em relatar o que ela está vivenciando sob os preceitos de Gilead.

No que diz respeito ao ser subalterno, Spivak (2010) assegura que os subalternos são aqueles que compõem:

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” (SPIVAK, 2010, p. 13-14).

Diante disso, Offred é proposta para se encontrar com o Comandante Waterford. Esses encontros eram bem articulados, da mesma forma que Hester Prynne usa suas artimanhas para se encontrar a sós com o reverendo Arthur Dimmesdale. O Comandante chamava Offred para jogar *mexe-mexe*, um jogo de formar palavras. Toda atmosfera que envolvia esses encontros era discursiva, já que se encontravam para um jogo de palavras e Offred estava fazendo daqueles momentos também um jogo. Conforme Offred foi frequentando o escritório para jogar, ela passou a usar essas oportunidades para favorecer a ela mesma e conseguir algumas coisas como, por exemplo, ver revistas antigas (AWTOOD, 2017, p.188), que naquele contexto tinham sido proibidas e também ter a tradução de uma frase que ela encontrou no quarto dela, na qual dizia: *Nolite te bastardes carborundorum*.

A partir da menção de Spivak (2010), entende-se que um ser subalterno não pode falar, ou melhor dizendo, não pode se fazer ouvir, uma vez que, para isso acontecer, o seu discurso não chega ao mesmo patamar de igualdade que o discurso hegemônico proferido pela camada dominante. Todavia, Offred em momento algum aceita ser colocada nesse local de subalternizada, assim como Hester Prynne; neste caso elas aceitam o que lhes é imposto e, a partir disso, utilizam de seus subterfúgios para que, assim, consigam ter algo que possa ajudá-las de alguma forma na subversão dessas imposições e fazer o subalternizado falar/ser ouvido.

A respeito da frase “*Nolite te bastardes carborundorum*”, que em português significa: “Não deixe que os bastardos esmaguem você” (ATWOOD, 2017, p. 224), Offred a encontrou do lado de dentro da porta do guarda-roupas do seu quarto e essa foi uma marca deixada pela aia que a antecedeu ali. Posto isso, nota-se que, embora Gilead possua preceitos muito rígidos, ainda é possível, mesmo que de forma mais silenciosa, as subalternizadas serem ouvidas; observamos, assim, que onde há opressão, há resistência. Ao pedir a tradução da frase como recompensa, Offred tenta dar continuidade à luta que foi iniciada por um ser, que assim como ela, clamava para ser ouvida.

A descoberta da tradução da obra se deu por Offred ter ganho uma partida de mexe-mexe e o Comandante deixou que pedisse algo como recompensa, para tal, Offred, indaga:

— Bem, talvez pudesse me dizer uma coisa a respeito da qual ando curiosa. Ele demonstra interesse.

— O que seria?

Estou seguindo direto para o perigo, mas não consigo me deter.

— É uma frase que me lembro de algum lugar. — Melhor não dizer de onde.

— Acho que é latim, e pensei que talvez... — Sei que ele tem um dicionário de latim. Tem dicionários de vários tipos, na prateleira do alto à esquerda da lareira.

— Diga-me — diz ele. Em tom distante, mas mais alerta, ou será que estou imaginando?

— *Nolite te bastardes carborundorum* — digo.

— O quê? — diz ele.

— Não pronunciei corretamente. Não sei fazê-lo.

— Eu poderia soletrar. — digo. — Escrever. (ATWOOD, 2017, p. 222)

Desse modo, enquanto o Comandante pensava que Offred aceitava de forma passiva as suas imposições, a aia se utilizava da confiança do mesmo para agir como resistência ao regime totalitário em que vive. Diante do exposto, é possível perceber que a protagonista possui um imenso desejo por subverter aqueles preceitos, custe o que custar. Diante de tal circunstância, decide arriscar e, por conseguinte, a protagonista, possui uma certeza de que:

deve haver uma resistência, um governo no exílio. Alguém deve estar lá, cuidando das coisas. Acredito na resistência do mesmo modo que acredito não pode haver luz sem sombra; ou melhor, não pode haver sombra a menos que também haja luz. Tem que haver uma resistência, senão de onde vêm todos os criminosos, na televisão? (ATWOOD, 2017, p. 128).

Assim como Hester acreditava que haver uma saída para ela, fugindo da colônia, Offred acreditava que, além daquilo que ela estava vivendo, havia algo que trabalhava como oposição do regime totalitário de Gilead. Offred não estava errada em acreditar nisso, pois havia uma rede de resistência cujo nome era *Mayday*. De maneira não explícita, o *Mayday* agia nas entrelinhas de Gilead subvertendo seus valores religiosos e morais.

No desenrolar das narrativas de ambos os romances, é possível notar que as protagonistas buscam de alguma forma subverter os preceitos fundamentalistas da sociedade em que cada uma delas está inserida. Embora uma haja de forma inconsciente no que diz respeito a conhecer as lutas que as mulheres travaram contra os discursos hegemônicos a partir do século XVII, ela age e clama por seu lugar na sociedade. Já a outra tem plena consciência, pois está inserida em uma

sociedade na qual os efeitos dessas reivindicações já floresceram. Nesse sentido, Louro (2014, p. 43) ao analisar a “concepção de Foucault, no que diz respeito ao poder, considera que o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir (pois, caso contrário, o que se verifica, segundo ele, é uma relação de violência)”. A partir disso, as protagonistas, ao subverterem o que a sociedade lhes impõe, ainda se tornam visíveis. É possível notar que elas se tornam seres visíveis porque, ao tomarem as atitudes que foram demonstradas anteriormente, elas acabam sendo uma reação contra aquela situação – um efeito colateral.

Com isso, Nathaniel Hawthorne, através de *A Letra Escarlata*, mostra como naquela época funcionava o controle dos corpos femininos através do regime teocrático regente naquele determinado espaço e que, embora não houvesse o conhecimento a respeito dos direitos que Hester tinha, a protagonista possuía a consciência de uma mulher atemporal.

A partir da leitura do romance, *O Conto da Aia* nós podemos ver um passado reverberando nas linhas do presente e que possivelmente esse passado pode, sim, se repetir em um futuro não tão distante. Diante do exposto, foi possível verificar o quão a sociedade é desigual no que diz respeito à concessão de direitos igualitários para homens e mulheres. E que grande parte desse problema é tributária das instituições religiosas e seus discursos hegemônicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos como Nathaniel Hawthorne e Margaret Atwood denunciam a forma como as instituições religiosas e o Estado, controlam os corpos femininos. Essas instituições amarram os corpos femininos mediante discursos ideológicos. Devido a esse fato, dita-se qual é o “verdadeiro lugar” que a mulher deve ocupar na sociedade e, a partir disso, vem a exclusão do meio social caso as mulheres não ajam em consonância com o que lhes é imposto.

Tanto Hester Prynne quanto Offred agem de forma oposta aos preceitos impostos a elas, utilizando do meio que se encontram como forma subversão. Hester se nega a revelar o nome do pai de sua filha diante da multidão que a cercava em praça pública e, além disso, arranca a letra “A” que foi condenada a carregar por toda a vida. Offred aprende a sussurrar de maneira imperceptível aos ouvidos das Tias e ainda usa os encontros que tem com o Comandante para conseguir algo que sirva como ajuda para subverter o regime teocrático ali pregado. Ambas as protagonistas procuram se impor, cobrando-lhes o que lhes é conferido por direito.

Os estudos de Foucault (1979, 1987 e 2014), Spivak (2010), Louro (2014) e Buendía (2015) foram de extrema importância para que pudéssemos compreender, da melhor forma possível, os funcionamentos das questões de poder, religião, subalternidade e gênero no meio social, e como esses processos se dão.

Foi possível notar como ocorre a desigualdade entre os gêneros e que as personagens, embora tidas como seres subalternos, ainda buscam por se fazerem ouvidas. Pois, transformam a situação em que estão vivendo como força para lutar pelo que elas acreditam ser o mais correto e igualitário. Estudos deste cunho se fazem fundamentais para que se possa compreender as formas de poderes que são exercidos sobre a figura feminina ao longo da história.

## REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret Eleanor, 1939 - *O conto da Aia* / Margaret Atwood; tradução de Ana Deiró. – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BUENDÍA, Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. In: ROSADO, Maria José (Org.). *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 115-132.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Orgs.). *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva [et al.]. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso : aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault ; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24 ed. – São Paulo : Edições Loyola, 2014. – (Leituras filosóficas)
- COMAY, Joan. *Who's Who in the Old Testament*. London: Routledge, 2005.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *A ordem do discurso* : aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault: tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. ed. – São Paulo ; Edição Loyola, 2014. – (Leituras filosóficas)
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Alfa, v. 39, p.13-21, 1995.
- HAWTHORNE, Nathaniel. *A Letra Escarlate: texto integral* / Nathaniel Hawthorne ; tradução Sodré Viana. – São Paulo : Martin Claret, 2006. – (Coleção a obra prima de cada autor ; 212)
- HILÁRIO, Leomir Cardos. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. In.: *Anu. Lit.*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013. ISSN 2175-7917.
- LEITE, Bruna. O governo dos corpos: o dispositivo biopolítico na obra “O conto da aia”. *REVISTA SEARA FILOSÓFICA*, Número 19, Verão/2019, p. 130-144
- LIMA., Danielle Dayse Marques de. *Dramaticidade, subjetividade e sacralidade em Jane Eyre, o romance de formação de Charlotte Brontë*. 2013. 347f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- LOURO, Gaucira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista* / Gaucira Lopes Louro. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Albérís Eron Flávio de. *Nathaniel Hawthorne: o puritanismo e a hipótese do eros em a letra escarlate (1850)*. / Albérís Eron Flávio de Oliveira . – Natal (RN): IFRN 2016. 123p.

RODRIGUES DA CRUZ, Juan. *A CONSCIÊNCIA FEMINISTA EM 'A LETRA ESCARLATE' DE NATHANIEL HAWTHORNE*. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2016. 32p. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Veiga de Almeida, como requisito obrigatório e necessário para a obtenção do título de licenciado em Línguas Inglesa e Portuguesa, sob orientação do Professor João Carlos Jeck.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

WOOLF, Virginia. *Profissões para Mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

\_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.